



© Maria João Branco

«Os admiradores e conhecedores de Pessoa reconhecerão neste romance quer o seu universo poético e filosófico quer a sua facticidade biográfica», refere Rui Lage, autor de *O Invisível*, livro que «torna» Pessoa personagem de romance.

O que o motivou a tornar Pessoa personagem de romance? Foi o desafio de dar a conhecer uma faceta menos «visível» do poeta ou foi bem mais do que isso?

Com toda a franqueza, hesito na resposta. Sempre estive nos meus planos uma expedição em território romanesco, mas nunca a intenção deliberada de fazer de Fernando Pessoa o expedicionário. Por outro lado, a probabilidade de me iniciar com um romance no género fantástico era à partida elevada, não só pela sedução que esse género exerceu desde cedo no meu temperamento de leitor, mas também pela má impressão que me deixava o menosprezo a ele votado pelas letras portuguesas, que julgo condicionado pelo menosprezo académico e crítico a montante, uma singularidade nacional. Ainda hoje me surpreende que o Pessoa ocultista e espírita nunca tenha desembocado num romance fantástico escrito em português. Os ingredientes não só abundavam como eram em tal número que a primeira dificuldade seria sempre a triagem: sessões espíritas, visão astral, escritos automáticos, o mediunismo, a teosofia, o esoterismo, a astrologia, as sociedades secretas, a quarta dimensão, etc. No fundo, pode dizer-se que todas estas inclinações convergem num interesse existencial e, mais que existencial, ontológico, pelo invisível. Daí o título. Pessoa foi das figuras da cultura europeia que melhor interrogou o problema do ser. Que nele tenham coexistido uma insuperável ontologia poético-filosófica com excentricidades ocultistas hoje desprestigiadas foi sem-

pre motivo de grande perplexidade. Julgo que estas facetas, sobretudo porque associadas ao nome cimeiro da nossa cultura, suscitam tal desconcerto que há um misto de pudor e temor em abordá-las. Eu nunca padeci desses constrangimentos e achava aquelas excentricidades fascinantes. A ignição deu-se com a leitura de uma carta de Fernando Pessoa à sua tia Anica, com data de 1916 (na qual se refere a sua participação em sessões espíritas e episódios de visão astral) e o reencontro com certa passagem de *O Livro do Desassossego*, epígrafe do meu livro. O hiato autobiográfico dos anos de formação na África do Sul permitia-me in-

Pessoa foi das figuras da cultura europeia que melhor interrogou o problema do ser.

ventar uma nova génese heteronímica e uma iniciação no invisível sem quaisquer amarras. Soube, desde essa ocasião, que ia escrever este romance. Mas também decidi que iria correr riscos e resgatar a figura de Pessoa aos lugares-comuns que, mal ou bem, lhe ficaram colados, e que fazem dele uma figura elusiva, à beira da evaporação, alheado do mundano, do humor e da carnalidade, «o fantasma taciturno do meio-dia português», como lhe chamou Octavio Paz. É inegável, aliás, o desgaste da figura de Pessoa tal como fixada pela cultura popular (e até *pop*), já para não falar da sua mercantilização, com o consabido efeito de cansaço. Por isso não era possível abordar esta

materia-prima com *gravitas*, com docilidade ou auto-indulgência literata. Este Pessoa é, então, um Pessoa carnal, com desenvoltura e audácia físicas, com uma faceta lúdica e satírica, um lado fáustico, mas também um lado mefistofélico. É por isso que ele está sempre a roçar perigosamente a fronteira do inverosímil. O mais difícil (mas também, confesso, o mais prazeroso) foi precisamente manter o enredo e as peripécias ancoradas no verosímil, sobretudo no contexto da comunidade agro-pastoril arcaica que mobiliza a segunda metade do romance. Com a devida modéstia, creio ter sido bem sucedido. Porque, apesar da hùbris iconoclasta, os admiradores e conhecedores de Pessoa reconhecerão neste romance quer o seu universo poético e filosófico quer a sua facticidade biográfica. *O Invisível* está, como gosto de dizer, num ponto equidistante da idolatria e da iconoclastia.

Há escritores que falam de personagens que parecem levar o autor a ir além do planeado (ou numa rota diferente), como se tivessem alguma «vontade própria». No processo de escrita, como foi a «relação» com o Pessoa do seu livro?

Sendo do tipo perfeccionista, e passe o paradoxo, possuo uma espécie de instinto do planeamento. Quer dizer que reúno antecipadamente todas as peças da obra e dedico bastante tempo a montar e desmontar o *puzzle*, mentalmente, e a lidar com o problema das peças soltas até já não restarem pe-



ças soltas. Só depois lanço verdadeiramente mãos à obra. O que não quer dizer que depois se me depare um caminho largo e claro, sem escolhos ou espinheiros. No caso de *O Invisível*, e voltando atrás, havia sempre a preocupação com evitar que os sucessos e insucessos narrados descaíssem no inverosímil. É como se o fantasma de Pessoa me aparecesse a inquirir se eu acharia mesmo possível que ele dissesse ou fizesse aquilo que eu queria pô-lo a dizer e a fazer. Por vezes, a resposta que eu me dava através dele colidia com o planeado. O que me levou a ter de reescrever ou eliminar extensas pas-

É como se o fantasma de Pessoa me aparecesse a inquirir se eu acharia mesmo possível que ele dissesse ou fizesse aquilo que eu queria pô-lo a dizer e a fazer.

sagens ou a escrever passagens novas. Nesse sentido, também eu tive uma experiência mediúcnica. Para além disso, há um subtexto poético que lateja em *O Invisível*. A minha poesia, em especial o seu *ethos* campestre, pode desaguar nas percepções e meditações e Pessoa, como desagua, porque a fiz passar previamente pelo prisma do seu universo poético. Pode dizer-se que Pessoa foi também, sem o saber, o meu médium. Claro que esse subtexto só é acessível a quem conheça a minha obra poética.

Permita-me um pequeno desafio de «ficção». O que diria o Pessoa que caracteriza em *O Invisível* deste mundo «afectado» pela Covid-19?

Pessoa era um platonista e, como tal, duvidava da realidade do eu e do mundo e intuía, como outros antes dele, que não vemos senão aparências. Para Platão, recordo, o visível é enganoso, inautêntico, porque não passa da projecção de uma realidade invisível: a verdadeira realidade. A pande-

mia com que estamos a lidar é obra de um ente invisível. Vivemos há tanto tempo obcecados com o visível – e com a nossa visibilidade – que nos fomos esquecendo de que somos feitos de invisível, não só de microorganismos (células, bactérias e vírus), como de átomos e partículas elementares, para além de que actuam em nós, em permanência, as forças fundamentais da física, que são forças invisíveis: o electromagnetismo, a gravidade, etc. Pessoa tinha na sua biblioteca particular um *Einstein: abc das suas teorias*, pelo que estes conceitos não lhe eram estranhos. Se o nosso corpo é feito de invisível, a nossa mente foi feita para interrogá-lo: o desconhecido, o infinito, o transcendente, o sagrado. Mas nós passámos as últimas décadas a evacuar o invisível das nossas vidas... A existência dos vírus é conhecida desde o início do século

Se o nosso corpo é feito de invisível, a nossa mente foi feita para interrogá-lo: o desconhecido, o infinito, o transcendente, o sagrado.

passado e Pessoa foi contemporâneo de várias pandemias mortíferas, entre as quais a gripe espanhola. Há uma interessante passagem de Bernardo Soares, no *Livro do Desassossego*, que nos dá uma pista: «[...] senti sempre os movimentos humanos – as grandes tragédias colectivas da história ou do que dela fazem – como frisos coloridos, vazios da alma dos que passam neles. Nunca me pesou o que de trágico se passasse na China. É decoração longínqua, ainda que a sangue e peste». Claro que a actual pandemia, tendo começado longínqua, é hoje de uma proximidade sufocante. Mas não creio que Pessoa partilhasse da leitura moralista e até autopunitiva que por aí se ouve e que passa por considerar este flagelo como uma espécie de retaliação da natureza. Pelo contrário, parece-me que ele veria nesta pandemia mais uma prova da amoralidade da

natureza, da indiferença que, de novo com Bernardo Soares, «constitui o fundo visível das coisas». Se Pessoa não o tivesse dito antes sobre outra coisa, talvez dissesse, sobre o novo coronavírus, «primeiro estranha-se, depois entranha-se»...



Publicado em Setembro de 2018 • 288 pp. • 17,00€